RESENHA

INTENSIDADES E INFÂNCIA

Ida Carneiro Martins[1]

PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. (org.) **Intensidades da Infância:** corpo, arte e brincar. Goiânia-GO: FUNAPE/DEPECAC, 2010.

Corpo, arte e brincar! Três temas intimamente relacionados, os quais Maria do Carmo Morales Pinheiro organizou em artigos, no livro denominado "Intensidades de Infância: corpo, arte e brincar", componente da Coleção Lavor, que objetiva divulgar as produções dos professores da Universidade Federal de Goiás do Campus de Catalão. Apresenta-se aqui uma obra relevante que reúne questões fundamentais à infância e à Educação Infantil e que servirá de importante referência para aqueles que estudam – em formação inicial ou continuada –, trabalham com, ou buscam melhor compreender, esta fase de vida. Enfatiza-se que este não é um livro indicado somente à educadores, mas contribuirá efetivamente para a ação destes na educação da infância.

Já na aba do livro, **Anna Maria Lunardi Padilha** anuncia que esta não é mais uma obra sobre a infância, mas sim que se constitui de modo diferenciado, pois "produz impacto, reflexão, construções e desconstruções de nossas certezas". Isto se verifica em sua leitura quando não encontramos um referencial teórico comum, o que nos imprime tensões, gera contradições, ao mesmo tempo em que nos permite identificações. Visto assim, se percebe que esta obra tocará a cada um de seus leitores de modo diferenciado.

No prefácio, **Denise Bussoletti e Eliane Pardo** destacam que o livro traz "a força da infância como perspectiva" e questionam: "mas o que ainda não foi dito sobre a infância?". Acredita-se que este talvez seja o ponto forte do livro, porque reuniu-se textos sobre: a infância, a educação na infância, o brincar, o corpo, a arte e suas inter-relações. Efetivamente, não é um trabalho para ser lido de um jeito comum mas sim, como apontam as professoras,

[1] Professora do Curso de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE. EMAIL: icmartin@unimep.br

para se aprender a olhar, ou ainda, para se olhar pelo *avesso* buscando romper o olhar cristalizado, arraigado através do tempo, pelas imposições históricas e culturais determinadas.

Apresentando o livro, a organizadora, **Maria do Carmo Morales** anuncia que "corpo, arte e brincar" são temas, organicamente, relacionados e que têm enquanto congruência ser potência – no desejo de invenção –, resistência – pois não concordam com o que é "pronto e acabado" –, e invenção – decorrente do desejo que os move; ações não solitárias mas influenciados pelos outros do mundo, adultos ou pares. Identifica ainda que, a reunião dos autores é motivada pelo ponto em comum que apresentam: o encontro com a infância que os afetou e os incitou a refletir, pelas "inquietudes e incômodos" que causa. Propõem leituras impertinentes que nos tirem de nosso *status* de tranquilidade, decorrente da visão romantizada e constituída socialmente sobre este tempo de vida.

Um livro denso em teoria, construído em três partes: "O brincar na educação da infância", "A educação do corpo como produção da subjetividade na infância" e "Corpo, experiência estética e arte".

A primeira parte, como o próprio nome diz, enfatiza o brincar na perspectiva da Educação Infantil. Tal aspecto, apesar de obter reconhecimento nos discursos oficiais dos dirigentes educacionais, dos pais e especialmente dos professores, não tem se efetivado em todo o seu potencial educativo na escola da pequena infância. Tal questão parece sofrer influência de determinantes históricos na construção da Educação Infantil, ou seja, a consideração de cunho biológico que identifica o brincar enquanto um processo natural e assim, basta deixar que as crianças brinquem "naturalmente" para que aprendam e se desenvolvam, prescindindo da mediação de professores. Por outro lado, contribui a este contexto, uma visão instrumental de aprendizagem na qual, a função educativa se sobrepõe à função lúdica (KISHIMOTO, 1994). Cinco textos colaboram para a reflexão sobre a relevância do brincar na Educação Infantil e da ação do professor neste processo.

O primeiro texto é de **Clícia Assumpção Martarello de Conti** e se denomina "Brincar é coisa séria: o prisma de Winnicott". Apoiando-se no teórico de abordagem psicanalítica, a autora nos traz os conceitos fundamentais da teoria winnicottiana de modo didático, o que permite sua fácil compreensão. Isto não quer dizer no entanto que, não explicite profundidade teórica ou que revele uma escrita pouco contundente. Ao contrário, o domínio conceitual apresentado permite o aprofundamento nesta teoria e a compreensão da importância das experiências "suficientemente boas" das crianças para o pleno desenvolvimento do brincar, do simbolizar e da "utilização de objetos para fins criativos". Defende ainda que, na conjuntura atual, a capacitação de professores para atuarem nos

primórdios da infância, de modo que "os aspectos emocionais, entrelaçados aos aspectos cognitivos, ganhem maior visibilidade". Enfatiza que a instituição de Educação Infantil precisa considerar aquilo que é relevante no desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas, que carecem da disponibilidade de pessoas observadoras de suas necessidades emocionais, questão esta que é direito fundamental da infância inicial.

De modo similar, no texto seguinte intitulado "Elkonin, Vigotski e Leontiev: considerações para pensar a brincadeira na infância", **Glaucia Uliana Pinto** também enfoca o brincar relacionado à Educação Infantil. Afirma que o jogo imaginativo da criança é pouco considerado na Educação Infantil, pois tradicionalmente na escola é mais valorizado o que a criança é capaz de "reproduzir" e "não de criar". Apoiada em autores da abordagem histórico-cultural, enfatiza a necessidade do favorecimento do jogo de faz-de-conta neste ciclo de ensino, porque surgem da reprodução das atividades dos adultos das quais elas não participam ativamente, mas emancipa-se delas quando as retoma de forma criativa, agindo imaginativamente. A autora aponta ainda que pela fala, "as sequências imaginativas do brincar se enriquecem" e portanto, torna-se fundamental a ação do professor. Tal aspecto merece atenção, pois pode contribuir ao melhoramento da brincadeira em todo o seu potencial educativo, contribuindo ao desenvolvimento das crianças por meio de sua adequada intervenção, considerando os seus tempos e suas necessidades.

Apropriando-se de autores da mesma linha teórica, ou seja, da abordagem histórico-cultural, **Altina Abadia da Silva e Maria Nazaré da Cruz** nos brindam com falas de crianças no texto "O que dizem as crianças sobre o brincar na escola", apresentando por intermédio de três unidades temáticas: "a escolarização do brincar como silenciamento das crianças, o espaço/tempo do brincar na escola e a reinvenção do brincar pela criança na escola". Defendem em sua metodologia o desenvolvimento de pesquisas que busquem "captar o ponto de vista da criança". Pela fala das crianças, evidenciam o processo de gradual "escolarização" a que é submetido o brincar na Educação Infantil. Apontam que, desde muito cedo, se ensina à criança a aquietar-se e silenciar-se mas, de modo contraditório, se espera o desenvolvimento da autonomia. Apontam que na escola fica reservado, enquanto espaço/tempo, para o brincar somente o momento do recreio, pois não se pode "brincar na sala de aula". Mesmo assim, resistindo ao que se estabelece, observa-se que as crianças resistem, "subvertem a ordem e brincam". Finalizam o texto argumentando que é importante "analisar não apenas os que os educadores fazem com as crianças, mas também o que estas fazem com o que fazem com elas".

No quarto texto do livro intitulado de "o brincar e a educação ambiental: novas perspectivas para a educação infantil", **Eliânia Maria Marques Bergamaschi e Gislane Pires Gonçalves** defendem que o momento adequado para se iniciar um processo de educação ambiental é na educação da infância, pois aí se inicia o ensino formal e, ainda, possibilita "uma transformação social [...] que leve as crianças, desde cedo, a compreender o todo, para viverem e sustentarem um mundo melhor". Neste sentido, destacam ser relevante buscar ações pedagógicas que contemplem a perspectiva lúdica, de modo que "haja uma justaposição do brincar, do aprender e do criar". Para as autoras, a proposição de oficinas de reciclagem na construção de brinquedos feitos de sucatas, são importantes no sentido de permitir a criação e possibilitar o entendimento da necessidade de preservação do ambiente, numa aprendizagem significativa.

Em "Jogos e brincadeiras na educação infantil: reflexões sobre essas atividades no projeto educacional e para aprendizagens das crianças", **Eliza Maria Barbosa** defende a tese de que a consideração do desenvolvimento numa perspectiva maturacional e evolutiva, acaba por cristalizar a atuação de professores da Educação Infantil que negligenciam "o acesso das crianças a conteúdos culturais mais evoluídos", não possibilitando a produção de "algo fundamentalmente novo no desenvolvimento das crianças". Desenvolveu em sua pesquisa a observação das modalidades de atividades e das modalidades de participação das crianças nestas e para analisa-las se baseou nos pressupostos dos autores da abordagem histórico-cultural. Apoiada em seus resultados, reclama ao professor a essencial mediação nos processos de aprendizagem, em especial nas atividades lúdicas, favorecendo a "interação e a aprendizagem das crianças com as culturas e os saberes universais" numa "ação intencional e planejada, no sentido de fazer avançar os conhecimentos das crianças".

A segunda parte do livro tem como enfoque o corpo na infância, ou melhor, o que se faz com o corpo na infância. Corpo biológico que precisa ser limpo das "repugnâncias", das sujeiras produzidas, para se estabelecer asséptico e limpo, para esconder a dor; corpo que precisa ser adaptado, adestrado, disciplinado que como um puzzle se ajusta a sociedade, para se matar o desejo; corpo confinado das crianças sem "direito à cidade". Tais questões se apresentam em três textos.

O primeiro deles á apresentado por **Alexandre Fernandez Vaz e Ana Cristina Ritcher** e se denomina "A infância como um outro da razão: um estudo com base em documentos e cenas pedagógicas institucionais". Argumenta-se no texto que as instituições que atendem à infância, historicamente, tomam parte efetiva de um projeto de construção de uma sociedade civilizada, ou seja, "orientada para o progresso, urbanizada, desenvolvida,

limpa, sadia". Neste sentido, na Educação Infantil o corpo se torna alvo de domínio, por meio de práticas higienistas e de controle dos comportamentos "inconvenientes", de modo que se domine o "universo lúdico", que pode revelar aspectos que não queremos rememorar. Apoiados em Adorno, Horkheimer e Benjamin, os autores argumentam que, na educação da criança, por um lado se estabelece o esforço em "remover cheiros, sujeiras e detritos" e por outro se estabelece o controle do corpo, dando-lhe uma "base" de segurança esquadrinhada, em nome de uma pretensa "qualidade de vida" e sendo assim, a "possibilidade de formação do sujeito autônomo, se dilui no conformismo".

No texto seguinte, apoiando-se em Foucault, **Augusto César da Fonseca Neto, Maristela Vicente de Paula e Neila Maria Mendes Borges**, trataram da "Infância socialmente vulnerável e corpo". Neste trabalho, discutem a relação corpo e infância realizando uma densa revisão histórica, imprescindível para a compreensão da trajetória da concepção de "corpo como objeto e alvo do poder". Ressaltam que a infância, em épocas diferenciadas, estabeleceu-se enquanto espaço privilegiado à serviço de interesses da sociedade, caminhando de "corpo submisso" à "corpo controlado" e apesar de, na atualidade, se reconhecer a criança enquanto "sujeito de direitos", de fato, esta condição não se estabelece na sociedade. Sugerem que constituir o "direito da infância perpassa pela construção de práticas sociais que fomentem o desejo", este sim propulsor de mudanças de vida dos sujeitos, em busca de autonomia.

Em "Infância e cidade: crianças como sujeitos de ação e as formas de participação na esfera pública", **Luiz Nascimento Carvalho e Sônia Margarida de Gomes e Souza**, concebem as crianças como potencialidade, "sujeitos de ação capazes de agir sobre o mundo", potência que só se efetivará na relação com os outros, pares ou adultos. Para eles é fundamental que se reflita sobre a condição da infância contemporânea que confina as crianças em espaços – casa ou escola – e à noção de minoridade que as tira de "espaços de decisão sobre os rumos da cidade". As ruas não são mais das crianças, ocupam-se delas os carros e as diferenciadas formas de violência resultantes das mudanças sociais. Disto decorre, pela impossibilidade do viver a coletividade, o não desenvolvimento da cidadania. Se não viverem a cidade, se não aprenderem a cidade, se não participarem de decisões relativas à cidade, terão que resistir e construir "a seu modo" formas de enfrentamento da herança que receberam do passado.

A terceira parte do texto tem como temas corpo, infância, experiência estética e arte, os quais são desenvolvidos em cinco textos, enfocando-se diversas manifestações artísticas: a dança, a literatura, o cinema, a pintura e a música. Destacam a infância com tempo de

sensibilidades que permitem a apreensão, pelos sentidos e pelas vivências e, posteriormente pela rememoração das formas estéticas e sensíveis do mundo.

O primeiro texto, desta última parte, tem com título "Arte na educação: brincar, dançar e rodar... tempos e espaços da infância" é de **Yara Aparecida Couto** que propõe uma educação integradora da personalidade, ou seja, uma "educação dos sentidos" e da "sensibilidade estética", pela experiência das diversas linguagens artísticas. Apoiada em Huizinga, afirma que a vivência da ludicidade permite a "busca da beleza", aspecto presente de modo intenso nas brincadeiras de rodas, vividas por muitas gerações, "momento mágico que é compartilhado pelo ritmo dos volteios e seus encantos". Apropriando-se de Schiller declara, ainda, que é "em estado de jogo" que o ser humano se desenvolverá estética e plenamente. Assim, em estado lúdico, brincando, dançando e rodando, em movimento é que o "corpo vai delineando e revelando a sua mais autêntica expressão".

Em "Primevas águas: imagens da infância na prosa literária de Lya Luft", **Silvana Augusta Barbosa Carrijo** busca apreender como "se processa a representação simbólica da infância" na obra da escritora, ancorada na "teoria antropológica do imaginário" de Durand. Destaca que a obra luftiana em certo momento harmoniza, "une em laços a criança e o adulto", em outro revela o domínio que o adulto exerce "sobre a vontade e a possibilidade de saber das crianças", as impedindo de participação efetiva em esferas diferenciadas da sociedade. Aponta ainda que, os medos infantis são decorrentes desta interdição, pois impede as crianças de conhecer as coisas do mundo. Noutros momentos, revela as expressões de crueldade, por ora dos adultos, por outra dos meninos – por vezes sendo a criança vítima, noutras sádicas –, "numa via de mão dupla". Revela a autora na análise das obras, a contradição sempre presente nos sentimentos e na vivência do tempo de criança, mas afirma uma permanência da infância em nós, que por vezes nos visita e que por outra, nós revisitamos.

No terceiro texto denominado "Infância no bordel: alegria e resistência", **Tânia Maia Barcelos**, a partir do documentário *Nascidos em Bordéis* estabelece a aproximação das crianças dos prostíbulos de *Calcutá* – que tentam enxergar a realidade via a ação de fotografar, que foi à elas apresentada –, com a infância brasileira, se aproximando daquelas crianças que se apresentam em condições sub-humanas de vida, vivendo no limite de suas possibilidades. As crianças dos bordéis são obrigadas a enxergar "coisas demasiado grandes", tem os corpos afetados pelas dores do mundo, resistem "arrancando" alegria da existência, para "não sucumbirem às formas injustas de vida". Enfim, olhar e pensar sobre as crianças da

"Luz Vermelha" nos forçam a estranhar o mundo da infância para, quem sabe, se possa reagir, enfrentar e criar outras possibilidades de vida infantil.

Maria do Carmo Morales, organizadora do livro, utilizando o conceito de Kohan, nos apresenta o texto "Experiência estética amiga da infância", argumentando que desde a criação da infância, temos enquanto premissa apressá-la, preparando a criança para a vida adulta, "por meio da educação". É preciso então construir uma "experiência amiga da infância" que a considere na integralidade presente, reconhecendo a "necessária incompletude como condição existencial" e a nossa potencialidade, o "devir-criança" – conceito de Deleuze e Guattari – pensando "outro lugar para a infância". Afirma ser a arte, pelo potencial educacional, um "forte vetor", pois propicia "formação, reflexão e sensibilização", conectando "o sensível ao racional", num processo vital. Na obra de arte, encontra-se revelado as vivências de seu criador, rememorações que se trasmudam em construção e experiência estética. Propiciar o "encontro com a infância da arte, do corpo", numa "experiência amiga da infância", preparando a criança para a "própria infância" deve ser objetivo da educação, assim quem sabe, consigamos manter a sua "intensidade" em nossa vida de adultos.

O último texto é de **Antônio Fernandes Júnior** e se intitula "O brincar da criança e o criar do artista: o devir-criança em Arnaldo Antunes". Nele, o autor identifica que a "estratégia discursiva" de Arnaldo Antunes aproxima o brincar e o criar, pois brinca com as palavras se avizinhando do universo infantil, utilizando-se de elementos lúdicos. Cria-se, então, em sua poética um "entre-lugar que não aponta para a criança nem para o adulto". Utilizando-se, como no texto anterior, do conceito de "devir-criança", de Deleuze, reforça a ideia de "potência lúdica" materializada em seus poemas. Afirma que o poeta utiliza-se da "poética da infância", da inquietação frente a linguagem, no brincar com as palavras. Não é um escrita infantil, se estabelece em um "entre-lugar", nem criança nem adulto, "zona de vizinhança" que congrega ambos, numa "dupla captura", arrastando o leitor para "outros espaços". Também a infância não é encarada de modo "pueril", ao contrário, é "potência criadora"

Enfim, um livro *intenso* de infância, de corpo, de arte e de brincar que se propôs, e conseguiu, reunir textos de qualidade teórica na discussão dos temas. Pela variação de aportes teóricos é um convite à leitura, mas nos desafia à compreensão da variedade de entendimentos e concepções relacionadas à infância. Nos incita, nos acomoda, nos tensiona, nos traz empatia, nos toma, ou seja, é um livro que nos tira do lugar de *sossego* epistemológico,

reforçando ou desestruturando nossas concepções. Uma obra que contribui para se repensar a infância.

Referências

KISHIMOTO, T. M.**O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1994. 63 p.

Recebido em 10-09-2013
Aprovado em 24-09-2013